



Ursos: Mudanças na Fauna Urbana¹

Odinaldo Costa²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Dentro da comunidade gay surge um grupo de homens que são gordos e peludos, o que foge do padrão hegemônico de corpos gays. De grupos de amigos que se reuniam para conversar, os ursos ganharam a cultura de massa e agora organizam festas específicas para o grupo. Procuramos investigar esses homens, saber um pouco mais sobre eles. Refletir sobre qual a relação deles com seus corpos e com os espaços que freqüentam.

Palavras-chave: ursos; corpo; festas; sociabilidade.

O presente artigo expõe um pouco sobre os ursos – grupo de homens que se diferenciam dentro da comunidade gay –, reflete acerca da relação deles com o corpo e por fim sugere uma investigação que pauta sobre a sociabilidade desses homens gordos e peludos (na maioria das vezes) nas festas realizadas para esse público específico.

O tema ursos, desde a segunda metade da década de 1990, ganha notoriedade no Brasil. Seja através de filmes, programas televisivos, de sites de relacionamento voltados para o grupo, festas, entre outros. As festas de ursos merecem uma atenção especial. Começaram como reuniões entre amigos, mas que com o passar dos anos tomaram grandes proporções. As primeiras festas foram realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo. Hoje, somos informados de festas ursinas em Natal, Recife, Florianópolis, Curitiba, entre outras cidades.

No decorrer do texto, tentaremos nos debruçar em cima dos ursos (o trocadilho é proposital), especularemos uma possível definição desse grupo, levantaremos algumas questões sobre a condição de surgimento e características desses homens. Seguindo por

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação. Professor do Curso de Artes Visuais da FAV-UFG, email: odinaldos@yahoo.com



caminhos peludos, pensaremos como o corpo se apresenta para os ursos e qual o seu papel enquanto elemento aglutinador. Por fim, nos percebemos nas festas de ursos. Dançando, interagindo, sentindo e todos os meandros para sociabilizar com o grupo. Para respaldar nossa inserção dentro do universo ursino realizamos várias entrevistas com um urso e o questionamos sobre vários assuntos relacionados ao ser-urso. Carlos (nome fictício) nos apareceu como um tímido contato no site de relacionamentos Ursos do Brasil, mas logo se tornou extremamente importante (e vital) para nossas reflexões, afirmações e experiências com o mundo dos homoafetivos peludos.

Ursos – é preciso definir?

De início, algumas questões para nortear nosso trânsito pelo assunto. O que são os ursos? De onde eles surgiram? Como esses homens se comportam? O que distingue um urso entre os outros tipos masculinos na fauna urbana? Dessa forma, tentaremos a seguir, responder ou formular outras perguntas sobre esses homens.

Mas, afinal, o que são os ursos? Contrariando os ditames da cultura gay no mundo e no Brasil, que apresenta o perfil de homens sem pêlos (lisos) e musculosos (sarados) como regra para a apresentação do corpo do homem homossexual, os ursos (ou *bears*) são peludos e fora de forma. Na maioria das vezes, acima do peso; gordos.

Ainda não existe uma definição fechada para o que são os ursos, apenas especulações e opiniões diversas encontradas principalmente em sites sobre eles. Como também em algumas poucas publicações sobre o tema. Todavia, Paulo André Moraes de Lima acredita que “é justamente essa falta de definição clara em torno da idéia de urso que faz da nebulosa bear um conjunto de virtualidades a ser explorada” (LIMA, 2004, p.333).

Todavia, segue a definição dada por J.J. Domingos. Os ursos

“São homens corpulentos ou pesados, tradicionalmente peludos e barbudos, atraídos por outros homens. Há uma predominância de homens maduros, o que não exclui a presença de alguns mais jovens. Uma considerável parte dos ursos enfatiza em si traços físicos e comportamentais ligados ao imaginário masculino, o que os deixa inconfundíveis com outras tribos gays que, comumente, se avizinham mais do universo feminino” (DOMINGOS, 2010, p.16).

Na afirmação acima, vale ressaltar duas coisas. Como já havíamos apontado os ursos não estão dentro dos padrões de corpos gays. E depois, a busca pela masculinidade e



virilidade. Claro, percebemos que isso não é uma regra. Pelo menos por terras brasileiras. De qualquer maneira, gostamos da proposta ousada sugerida para definir esses homens por Paulo André Moraes de Lima. Ele diz que “a idéia de que um urso é um conjunto de problemas, que encontram soluções variadas, mas que se unem em torno do que eu chamaria de uma busca coletiva do prazer, ou de uma busca do prazer coletivo. Prazer de se ser o que se é, e prazer de estar junto” (LIMA, 2004, p.333). O hedonismo realmente nos parece uma característica ursina. Dentro dessa gama de prazeres que podem ser citados, comida e sexo, talvez sejam os dois mais procurados.

No ano de 1989, em São Francisco (EUA), é inaugurado o *Lone Star Saloon Bar* de frequência gay onde os ursos foram acolhidos sem discriminação. Esse foi o marco para que uma comunidade ursina se desenvolvesse e tomasse proporções mundiais. O *Lone Star Saloon* e outros bares específicos tornaram-se refúgios de homens que não faziam parte da estética corporal assumida, respeitada e desejada por grande parte da comunidade gay. Nesses locais eles não seriam discriminados por terem os corpos fora do padrão hegemônico gay.

Um fator preponderante para a disseminação dos ursos pelo mundo foi a Internet. Essa nova tecnologia possibilitou o contato, a interação e a criação de redes entre homens peludos de todo o planeta. Logo se podia ouvir sobre ursos nas Américas, toda a Europa, alguns pontos da África e até em países como o Arábia Saudita (onde ser gay é considerado ilegal e a punição para esse delito pode chegar à pena de morte). No Brasil, o movimento ursino chegou em 1997, em São Paulo, com a construção do site Ursos do Brasil.

O site Ursos do Brasil se tratava de uma página pessoal do Urso BR (nick do webmaster), em que era disponibilizadas informações sobre os ursos e possíveis encontros desses, como também definições, o código dos ursos e outros assuntos afins. O site está desativado desde 1999 por motivos pessoais de Urso BR acerca de como o movimento ursino foi deturpado no Brasil. Segundo ele: “Não há, nem nunca houve no Brasil nenhum verdadeiro clube de ursos, tal como este conceito é conhecido em outros países – ou seja, um grupo organizado de amigos que se reúnem por afinidade e identidade para convivência e para fazerem coisas juntos”.

A intenção de construir um movimento ursino no Brasil não teve êxito, tomando como parâmetro as dimensões americanas. Parece que por estas bandas, esse levante virou festas e se pulverizou enquanto movimento. Aqui talvez não seja o local e nem o



momento mais oportuno para aprofundar no assunto. Gostaríamos de pontuar que os ursos no Brasil, enquanto grupo, têm suas características próprias.

A formação de grupos de amigos e conhecidos foi organizada a partir de afinidades com relação à apresentação de seus corpos. Desejos compartilhados, características em comum para conviver e realizar atividades juntos foi à filosofia da construção do movimento ursino. Valorização de pêlos no rosto, no corpo e também a forma de vestir e de se comportar perante a sociedade.

Um código foi criado para especificar, ou determinar, uma tipologia para esses homens. Detalhes, entre outros, como quantidade de pêlos pelo corpo, presença de bigode, barba ou cavanhaque caracterizam parte dos ursos. A maneira de se vestir, atitude e preferências sexuais também foram contempladas nesse código. Logo, começamos a ouvir falar em *Teddybears*, *Chubbies*, *Daddies*, *Cubs*, *Chasers* (ou *bear lovers*), *Leather Bears*, *Black Bears* entre outras designações.

Cultura, identidade e ursos pelas ruas da cidade

Como ponto de partida para refletir sobre os ursos, procuramos os conceitos de cultura e identidade. Trabalhar com essas definições nos ajudará a entender em que contexto os ursos estão inseridos numa cidade brasileira específica e como a cidade se relaciona com esses homens peludos. Percebemos um campo vasto e promissor dentro dos Estudos Culturais, contexto teórico em que temos a oportunidade de investigar as idéias acima citadas. Esses estudos foram institucionalizados em meados de 1960, na Inglaterra, dentro do CCCS (*Centre for Contemporary Cultural Studies*), da *University of Birmingham*.

O conceito de cultura deve ser pensado em uma perspectiva histórica. Um dos autores fundadores dos Estudos Culturais, Raymond Williams, propõe relacionar cultura, “mesmo quando era evidentemente social em sua prática, com a ‘vida interior’ em suas formas mais acessíveis e seculares: ‘subjetividade’, ‘a imaginação’, e, nesses termos, com o ‘indivíduo’” (WILLIAMS, 1979, p.21). Segundo o autor, o conceito de cultura está ligado à noção de experiência – relações e práticas concretas vividas em sociedade. De maneira que perceber os ursos em seu convívio é pertinente para investigar as relações e a sociabilidade desses homens dentro de lugares freqüentados por eles. Ou seja, o conceito de cultura vai nos direcionar dentro do grupo ursino e nos ajudar a identificar peculiaridades nas relações e na sociabilidade.



Já o conceito de identidade é entendido como um processo em construção sempre dinâmico. No qual, o indivíduo é levado a aprender como administrar mais de uma linguagem cultural para se relacionar na sociedade complexa que fazemos parte. Esse entendimento é baseado no que Stuart Hall chama de “homens traduzidos”. Segundo Hall, esses homens “devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (HALL, 2005, p.89). De forma simples e sintética, Tomaz Tadeu da Silva diz que “a identidade é simplesmente aquilo que se é” (SILVA, 2000, p.74).

“O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado”, afirma Guattari (1992, p.169). O autor explica a frase dizendo que os territórios originários dos seres humanos não estão mais presentes em pontos precisos da terra e sim em universos incorporais. De forma que ele lança o conceito de “cidade subjetiva”, a qual “engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos” (*idem*, p.170). A desterritorialização é fruto de um processo de globalização, a qual, em tempos pós-modernos (ou de supermodernidade, como prefere Marc Augé), não devemos pensar em fronteiras, em limites territoriais.

E, dessa forma, a relação dos ursos com a cidade em que estão inseridos tem sua importância por ajudar na construção das identidades e da subjetividade da comunidade ursina. E são nesses lugares públicos, urbanos, de circulação e fluxo, que os ursos encontram (ou perdem) características intrínsecas ao ser-urso. “Cria-se um espaço de contágio com outros e estranhos onde há uma imprevisibilidade que o confinamento familiar não permite, onde há mesmo ou pode haver uma criatividade maior dos processos subjetivos” (CAIAFA, 2005, p.21). Nesse sentido, percebemos a cidade, lugares específicos, espaços urbanos públicos, como a oportunidade que esse recente agrupamento de homossexuais têm de interação, de busca, de contato, de comunicação. Lugares “onde os itinerários singulares se cruzam e se misturam, onde trocam-se palavras e esquecem-se as solidões por um instante” (AUGÉ, 2005, p.63-64).

Segundo Janice Caiafa, “a cidade é um momento, um ponto de conexão ou convergência de trajetórias, um ponto de atração onde os circuitos se reúnem momentaneamente e ela se produz precisamente por aí” (CAIAFA, 2005, p.117). Dentro da cidade do Rio de Janeiro, localizamos espaços públicos de fluxo dos ursos. Bares, boates, saunas, cinemas, locais de ‘pegação’. Espaços urbanos, na maioria das vezes, comerciais, freqüentados, ocupados pelos homens peludos. Para Marc Augé, “a organização do espaço e a constituição dos lugares são, no interior de um mesmo grupo,



uma das motivações e uma das modalidades das práticas coletivas e individuais” (AUGÉ, 2005, p.50). Dessa forma, o autor propõe pensar a identidade e a relação das coletividades e dos indivíduos que dessas fazem parte.

“Quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista”, adverte Guattari (1992, p.157). O autor acredita que a arquitetura das cidades em todos os seus tipos funciona como máquinas enunciativas. Ele completa: “elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação” (*idem*, p.157-158). Guattari define as cidades como máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva. De maneira que, transitando por esses campos complexos, podemos pensar nas interações entre o corpo e o espaço construído de que trata o autor. “O alcance dos espaços construídos vai então bem além de suas estruturas visíveis e funcionais” (*idem*, p.158).

A representação do corpo dos homens peludos em nossa sociedade nos leva a dar um nó nesse processo teórico de investigação. Pois é através do consumo, da construção da imagem do homossexual e de fatores que influenciam nesse meio que os ursos constroem suas trajetórias. Pensamos nos lugares como mediação para o trajeto ursino. E para contribuir com esse deslocamento, a representação midiática direciona os olhares para a nova concepção de corpo adotada pelos peludos.

“O debate a respeito do corpo parece ser tema efervescente, sobretudo pela complexidade tenaz que se expõe no contemporâneo. Presenciam-se as (trans/de)formações do corpo e, com elas, instauram-se ‘novas/outras’ mediações entre o cuidar da aparência física e de sua representação sociocultural. Não nos cabe julgar os artifícios de (trans/de)formações do corpo, apenas reconsiderá-los como prática discursiva na ordem da espetacularização corpórea. Privilegia-se a aparência como condição fundamental à sociabilidade da cultura contemporânea” (GARCIA, 2005, p.xiv).

E é baseada nesse privilégio dado a aparência na nossa sociedade que tentaremos detectar como o corpo dos ursos é mediado pelos lugares por eles ocupados. E o mais curioso, como a imagem do homem gay peludo é vista pelos próprios e por outros homens que fazem parte da comunidade gay brasileira.

O urso e o corpo – o seu e o dos outros

O que o corpo do urso tem de atraente? O que chama atenção? Como o desejo é despertado a partir de sua aparência? O que muda na concepção do corpo enquanto belo, atraente e sedutor?

Carlos nos diz, em entrevista, que:

“O que mais me chama atenção no corpo de um urso é a barriga. Assumo ter uma predileção por homens com barriga. Não estou falando de barrigas disformes, de obesos. Prefiro as duras, redondas e peludas. Depois das barrigas, gosto de homens com pêlos faciais. Seja barba, bigode e, como uma preferência unanime, cavanhaque. Gosto de pêlos corporais também. Braços, pernas, barriga, costas peludas. Os pêlos corporais chamam minha atenção pela forma. Gosto de pêlos lisos, mas em grande quantidade e volume”.

O entrevistado não demora em detalhar sua preferência. Carlos fala com verdadeira paixão quando se refere aos ursos. Isso fica ainda mais claro quando ele continua.

“Quando penso em pêlos corporais, gosto especialmente da sensação de minha mão nessas superfícies peludas do corpo do outro. Seja na barriga, no peito ou nas costas. É indizível a sensação de alisar uma barriga peluda. É gostoso, confortável e depois de um tempo alisando, podemos sentir uma leve sensação de dormência na mão”.

Creemos que é oportuno nesse momento mostrar o desenho de Ruben Gauna, pois ele serve para ilustrar o que foi citado no depoimento de nosso entrevistado. Como também, exemplificar uma ação que está impregnada no imaginário ursino.

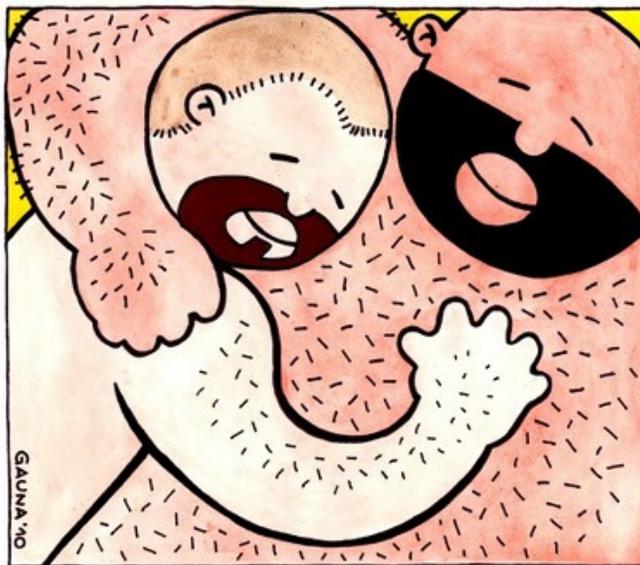


Figura 1 - Ruben Gauna, ilustrador argentino, mostra como funciona o toque num corpo peludo



Além da sensação prazerosa de alisar um urso, como descrita por Carlos, o abraço é uma forma de expressar carinho muito comum entre os homens peludos. Segundo Carlos: “a sensação de abraçar um urso é indizível. Sinto como se estivesse protegido”. Kathleen Keating fala no abraço de urso e o descreve assim: “os corpos se tocam num apertão forte, vigoroso, que pode durar de cinco a dez segundos, ou mais” (KEATING, 1983, p.30). A autora ainda completa: “o sentimento durante um abraço de urso é cálido, transmitindo apoio e segurança” (*idem*). Dentro do universo ursino o abraço é importante e famoso. Um urso sempre deseja a outro um abraço por trás. Esse seria o abraço de urso da comunidade de gays peludos e gordos.

Quando questionado sobre sua inserção no universo ursino, Carlos nos conta que tudo começou no meio virtual. Através de sites, das salas de bate papos e de antigos programas de comunicação virtuais, tais como: mirc e icq. “Não sei bem explicar minha atração por esses homens gordos, peludos e másculos. Só sei que foi natural e definitivo”, afirma ele.

Pesquisar na Internet sobre os ursos foi uma tarefa diária para Carlos. Não foi difícil encontrar os primeiros ícones do grupo. A primeira descoberta foi Jack Radcliffe, um ator pornô urso que começou a fazer sucesso entre os adoradores dos peludos. Jack é alto, forte e peludo. Não chega a ter um corpo muito gordo, mas é um tipo musculoso que ganhou peso. Um *musclebear*. No Brasil, a figura de Rogério Munhoz sempre chamou a atenção de Carlos. Munhoz, que é paulista, ficou conhecido quando fez parte do *reality show 20* e poucos anos, da emissora televisiva MTV. Durante o programa, Rogério se assumiu gay, urso e ainda levou os outros integrantes homens do *reality* para um encontro de ursos numa sauna em São Paulo.

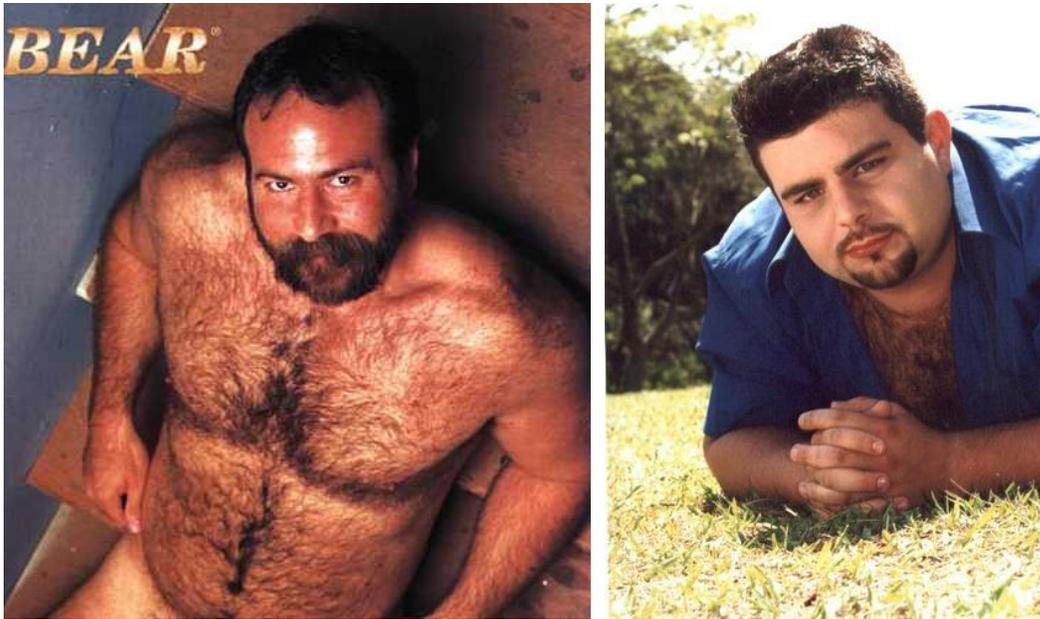


Figura 2 - Jack Radcliffe e Rogério Munhoz: ícones do universo ursino

Eis que dentro da soberania dos corpos das *barbies*, surge espaço para os homens que estavam à margem para despertar desejos. Os ursos estão fora de uma determinada cultura de culto ao corpo? Numa cidade como o Rio de Janeiro, por exemplo, o que faz um homem gay não construir seu corpo numa academia, colocar uma sunga branca e passear pelas areias de Ipanema? Os ursos, em sua maioria, só se preocupam com o corpo por questões de saúde. De forma que não percebem a necessidade de fazer depilação e escolhem ir à praia de Copacabana, em frente ao Copacabana Palace.

“O desejo detém papel de destaque na constituição do sujeito. Ele está imbricado aos processos de subjetivação, que tanto se articulam em agenciamentos coletivos quanto individuais e que vai sendo permeado, bem como atravessa camadas da cultura. Romper com nossos programas, que apontam para o aniquilamento de particularidades, que são sobrepostas por imagens artificialmente elaboradas é um exercício complexo de singularização” (MANESCHY, 2004, p.328).

Com a citação acima, Orlando Maneschy cita os ursos como um exemplo de diferenciação dentro do universo gay. Assim, o desejo, ou melhor, a construção de outras formas de desejo é evidenciada com os homens peludos. Quem está fora do grupo pode até sentir ojeriza pela quantidade de pêlos e gordura, mas para quem está dentro, faz parte, partilha, o desejo está à flor da pele.



Sendo assim, os ursos podem ser considerados uma transgressão dentro do universo homoafetivo. De maneira que a mídia precisa se atualizar com a quebra dos padrões e correr atrás de representações mais fluídas, em que contemple homens reais, cobertos de pêlos, imperfeições, pneuzinhos sobrando nos quadris. Esses espaços dentro da cultura de massa já começaram a se despontar. Seja no cinema, com o filme espanhol *Filhote* (2007), na música, com o grupo de música pop, *Bear Force 1*, ou no universo da moda, como no desfile primavera/verão 2010 do estilista belga Walter van Beirendonck – ao qual ele utilizou ursos como modelos para suas criações. Isso citando apenas alguns exemplos de produtos da cultura de massa.

As cavernas - habitat de ursos em estado nada letárgico

Bares? Boates? Saunas? Festas? Quais são os locais freqüentados pelos peludos? Qual a identidade desses locais para ursos? Como a sociabilidade é promovida nessas “cavernas”?

Dentro do imaginário gay, os homoafetivos designados de *barbies* sempre ocuparam o espaço do desejo. Esses homens jovens, magros, lisos e esculpido nas academias de ginásticas sempre foram os parâmetros de homens sedutores e que despertam o desejo da maioria – seja essa maioria formada por homens ou mulheres. Nas boates, por exemplo, aos ursos cabiam as paredes. Ficar encostados, no fundo, para não tomar espaço. Enquanto isso, as *barbies* podiam tirar suas camisetas/regatas e rebolar as divisões de seus peitos e barrigas divididas por músculos.

Desde meados dos anos 1990, os ursos começaram a se destacar dentro de um novo modelo de beleza. Sim, beleza. Nos anos 2000, o conceito de belo está se transformando e incluindo os homens gordos, peludos e barbudos. Um exemplo são as *Ursounds*, festas realizadas uma vez por mês em São Paulo, com freqüência majoritária de ursos e admiradores. Nessas ocasiões é comum gordos balançando na pista, sem camisa – expondo o peito e barriga peludos -, com também a participação de *go go bears*.

Hoje em dia é comum um urso despertar o desejo de outrem. Detalhes que eram motivo de provocar asco, como barriga e pêlos nas costas, pode agora ser motivo de atração e desejo (como foi tratado no tópico anterior).

Refletindo sobre essa mudança nos padrões corporais, propomos considerar as festas para ursos como espaços responsáveis pela sociabilidade desses homens. Uns com os outros e com os demais grupos sociais, sejam eles gays ou não.



Como são essas festas? Em que espaços as festas são realizadas? Que tipo de música toca? Como a interação acontece nesses eventos? De que formas esses corpos se apresentam e ocupam esses espaços festivos?

Mais uma vez, solicitamos a ajudar de Carlos para tentar responder tais questões. Como exemplo, vamos nos basear na experiência de nosso entrevistado ao frequentar as festas para ursos organizadas pelo grupo Ursos do Rio, na cidade do Rio de Janeiro.

Geralmente, os Ursos do Rio organizam uma festa por mês, no Espaço Marun – que fica na Rua do Catete. O lugar é um antigo sobrado, que passou por uma reforma, e que proporciona três ambientes. Na entrada temos uma porta simples, ao qual a única denúncia de uma festa ursina são os gordos que ficam do lado de fora fumando. Subimos as escadas e chegamos ao primeiro ambiente, com algumas mesas e as janelas do sobrado que dão para a Rua do Catete. Seguindo pelo corredor, a primeira pista de dança, onde geralmente são colocados os DJs de música retrô e outros sons diferenciados dos tribais costumeiros das rádios. Saindo da pista, mas ainda dentro, um bar e depois os banheiros – esses sem muitas definições de masculino e feminino.

No primeiro ambiente, o tal das janelas, se o frequentador não quiser seguir o corredor, em um determinado horário da festa, têm a opção de subir outra escada e encontrar mais um bar e outra pista de dança. Nessa segunda pista, o som é mais comercial, onde podemos escutar os hits do momento, sempre com versões dançantes.

Na segunda pista citada, temos mais duas pequenas escadas. Uma dá para um grande sofá que fica posicionado em frente a uma grande televisão. Nessa, quem desejar, pode assistir a filmes pornô de ursos. É um ambiente pouco iluminado e propício a troca de carinhos e experiências diversas – sinestésicas ou não. Sobre a outra escada dizem que subindo ela, passa-se por um corredor escuro e chega-se a um banheiro. “Nunca tive coragem de seguir por esse lado”, afirma Carlos.

Por toda a festa vários ursos, de vários tipos podem ser contemplados. Todavia, também é comum amigos desses frequentadores, logo há não ursos pelo lugar. Poucos, mas há. Música, luzes piscados, outros estímulos no ar e nos corpos. A interação é um passo natural. De forma que o corpo responde aos estímulos do lugar.

Pessoas conversando, bebendo, casais se beijando e muitos abraços. Isso sem falar nos corpos performáticos que influenciados pelos decibéis soltam seus corpos volumosos e queimam algumas calorias.



Figura 3 - Exemplos de flyers de festas de ursos na cidade do Rio de Janeiro

O que percebemos nessas observações preliminares nas festas é que os ursos não são mais colocados a margem e induzidos aos cantos da parede. Sim, isso acontece, mas por vontade e desejo. De uma maneira geral, são festas animadas, com pessoas alegres e amigáveis. Não se trata de um ambiente tenso, em que os frequentadores ficam disputando a ocorrência de músculos desenvolvidos pelo corpo. Tudo parece mais relaxado e permitido. Claro, há ursos pretensiosos e egocêntricos.

As formas de aproximação e abordagens são as mesmas de outros lugares de frequência gay. Mas há um clima mais tranquilo. Dançar é sempre uma solução para se soltar e fazer-se notar. A pista pode ser o momento para um urso mais ousado tirar a camisa e mostrar seu corpo. Seja um corpo com quilos a mais, pêlos em abundância ou uma tatuagem, alguma característica vai se sobressair e chamar a atenção de outrem no piscar das luzes.

A sociabilidade é mediada pela música e principalmente pelo corpo. Seja piscando os olhos, através de gestos, da dança, do ato de tirar a camisa ou a maneira de beijar. Trata-se de uma comunicação coletiva, que pode torna-se singular, direcionada. Pensamos que as primeiras observações foram realizadas com sucesso e entusiasmo. Um passo futuro



é abordar alguns ursos festeiros e questionar acerca do ser-urso. Como também desse ser-ursos e sua relação com o espaço.

Algumas considerações e desdobramentos

Debruçar-nos sobre os ursos tornou-se imperativo. Foi um tornar-se nativo gradual. Quando nos demos conta já estávamos fazendo parte de toda a efervescência peluda, mesmo vindo de terras ainda não habitadas por ursos assumidos e com festas direcionadas para esse público. Percebemos com o tema a oportunidade de refletir acerca do corpo homoafetivo e seus desdobramentos contemporâneos.

A presença dos ursos na cultura de massa torna o tema ainda mais fértil para aprofundarmos reflexões e propor investigações. Acompanhar esse grupo de homens nos parece relevante por tratar de subjetividades outras, que se contrapõem a comunidade gay, mas faz parte dela.

Como o padrão de beleza hegemônico são os corpos malhados, os ursos ficaram hibernando em suas cavernas durante um longo inverno, mas agora que eles descobriram o poder de seus corpos fora do estado de letargia, para eles é sempre verão. Aprendemos ao observar esses homens mais de perto que o corpo gordo e peludo também pode ser sensual, e que os ursos sabem como se fazer notar e despertar os desejos de outrem. Todavia, ainda há muito que observar, compartilhar e investigar nas relações que foram inicialmente tratadas neste artigo.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2005.

CAIAFA, J. *Aventura das cidades: ensaios e etnografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

DOMINGOS, J. J. *O discurso dos ursos: outros modos de ser da homoafetividade*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

GARCIA, W. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Thompson Learning, 2005.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: 34, 1992.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.



KEATING, K. *A terapia do abraço*. São Paulo: Pensamento, 1983.

LIMA, P. A. M. Entre homens, entre ursos: devires animais na floresta gay. In: LOPES, D. et al. (Orgs.) *Imagem & diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa edições, 2004.

MANESCHY, O. Imagens incorporadas: identidade, corpo e imagem. In: LOPES, D. et al. (Orgs.) *Imagem & diversidade sexual: estudos da homocultura*. São Paulo: Nojosa edições, 2004.

SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Woof!